

O POETA E A BOLA DE CRISTAL

Bento Rodrigues e Brumadinho sabem o que a Vale tem de Doce...

Por Gislaine Buosi

Sempre gostei de ler poesia, mas, de uns tempos pra cá, estou confundindo poesia com matéria jornalística.

“O Rio? É doce./ A Vale? Amarga./ (...) Entre estatais/ E multinacionais,/ Quantos ais!”.

Os acidentes ecológicos provocados pela Mineradora Vale do Rio Doce vêm provar o quão proféticos foram os versos de Drummond. Em “Lira Itabirana”, o poeta, mineiro de corpo e alma, dividiu espaço com as mineradoras de planejamento e bolso – as atividades da Vale, altamente criminosas e lucrativas, desde a segunda metade do século 20, estragam a paisagem, degradam o meio ambiente, e exportam a riqueza do solo, à custa da força de trabalho dos brasileiros de Minas Gerais.

A lama tóxica percorreu oceanos, deixando marcas, ou melhor, peixes, animais e homens mortos ao longo do caminho. “E não adianta chorar pelo leite derramado”, diriam alguns, até porque as autoridades públicas sempre agem de marcha à ré – aqui não há políticas preventivas e, ao que parece, há poucas punitivas. Nesse novo milênio, Brumadinho foi a segunda barragem a romper-se; a primeira, em Bento Rodrigues. E a terceira, a quarta? Não as bolas de cristal, e sim estudos seriíssimos antecipam novos desastres ecológicos.

O poeta de Itabira, que lamentou os desastres da mineração, não foi ouvido. Cinquenta anos depois, o lamento é o mesmo – os desastres, no entanto, são absurdamente maiores, haja vista o avanço tecnológico e, conseqüentemente, o potencial de estrago.

Em Minas Gerais, os bombeiros mobilizam-se heroicamente em busca de corpos soterrados, as famílias seguem em fila aos cemitérios; enquanto isso, a prefeitura manda lavar as ruas, e a comunidade recebe colchões, alimentos e roupas – carregamentos que cheiram a consolação. E Minas Gerais, de Drummond e de todos nós, ainda resiste – pelo menos até a próxima tragédia.